

**EXERCÍCIO FILOSÓFICO SOBRE A OBRA “O IMPÉRIO DO EFÊMERO”, DE
GILLES LIPOVETSKY**

Suzie Jose

Abstract

Just a few thinkers had dedicated themselves to think about the Fashion phenomenon. The presented piece aims to exemplify the possibility of philosophic exercise also on these fields, testifying its relevance. Starting by bringing those already registered claims, made by those recognized thinkers, for deeply reflection about such peculiar phenomenon, the exercise itself will be over the piece “*L’empire de l’éphémère*”, by Gilles Lipovetsky, looking for demonstrate how a deeper philosophical reflection may enlarge what is already announced. By the end, will be presented some questions regarding Brazilian’s fashion academical world, which answers seems not enough argued.

Key-words: design, fashion, philosophy.

Resumo

Poucos pensadores têm se dedicado à reflexão sobre o fenômeno moda. O presente texto se propõe a exemplificar a possibilidade do exercício filosófico também nesse âmbito, testificando, assim, sua relevância. Reproduzindo, inicialmente, os apelos já registrados por esses poucos pensadores reconhecidos, levando a uma reflexão mais séria sobre o que seria esse tão peculiar fenômeno, o exercício propriamente dito se dará sobre a obra “O Império do Efêmero”, de Gilles Lipovetsky, no intuito de demonstrar em que medida uma reflexão filosófica mais aprofundada poderia enriquecer o que ali já se encontra enunciado. Ao final, serão propostas algumas questões pertinentes ao mundo acadêmico da moda no Brasil, cujas respostas, aparentemente, ainda não foram suficientemente discutidas.

Palavras-chave: *design*, moda, filosofia.

Por dirigir-se a acadêmicos, é pertinente que sejam levantadas, neste texto, algumas questões de fundo reflexivo, notadamente no campo que o senso comum denominou moda. A

intenção é reforçar os apelos feitos por estudiosos da Modernidade, sensibilizados que estão com a ausência de um pensamento fundamentado, não moralizado desse fenômeno.

Lipovetsky, filósofo francês, autor da obra sobre a qual são discorridos os principais argumentos deste texto, não só tem o privilégio do pioneirismo, mas também o de ser alvo das maiores críticas. Segundo seu testemunho dado em 1987, a questão da moda não “faz furor” no mundo intelectual. Aqueles que teriam a vocação de elucidar as forças e o funcionamento das sociedades modernas estão impassíveis a ela. O fenômeno, embora esteja presente em todas as esferas, quase não aparece no questionamento teórico das “cabeças pensantes”. A moda, no seu entender, é sempre “os outros”.

De acordo com a sua crítica, somente nessa área do conhecimento instalou-se tal estagnação, pois a versatilidade da moda parece ter encontrado seu lugar e justificativa eternos somente nas rivalidades de classe, nas lutas sociais. A moda tornou-se um problema esvaziado de paixões e desafios teóricos, com respostas previamente colocadas (LIPOVETSKY, 1989, p. 9-10).

Num passado mais recente, Lars Svendsen, jovem pensador norueguês, publicou, em 2004, o seu livro “Moda: uma filosofia”, cujos argumentos serão aqui citados. De início, interessa particularmente o apêndice dessa obra, no qual o autor faz uma reflexão sobre a necessidade da crítica *de* moda. De acordo com o seu texto, a moda precisa de uma crítica séria se quiser ser levada a sério como prática estética, e não como qualquer outro objeto vendável. O argumento de Svendsen parte da relação existente entre moda e arte. A crítica seria necessária justamente aí, onde o estilista, o criador, se pretende próximo do artista.

Ora, em outras artes, a crítica é uma tradição, a exemplo da música, da literatura e do cinema. Parafraseando Colin Mcdowell, Svendsen escreve: “Num mundo em que não há crítica, o elogio se torna sem sentido”. O autor pontua que um crítico de moda difere, ainda, de um teórico de moda, sendo que mesmo a teoria ainda se encontra por demais incipiente, para que dela façam uso os críticos. Ainda se encontra, segundo sua avaliação, baseada em estudos culturais e teorias de gênero aplicadas a roupas.

Um ponto importante da argumentação de Svendsen pode ser destacado quando ele frisa que a crítica competente consiste em avaliações sustentadas por razões. A simples valoração de bom ou ruim, sem que para isso se apresentem as devidas “razões”, não qualifica ninguém como crítico. Essas razões, segundo ele, precisam ainda ser acompanhadas de descrição, comparação, contextualização e interpretação.

Se os argumentos de Svendsen têm apelo filosófico e catedrático, no Brasil, as questões são mais estruturais do que propriamente “filosóficas”. Também em 2004, Dario

Caldas, pesquisador brasileiro, amigo de Lipovetsky, ao refletir sobre *tendências*, em seu livro “Observatório de Sinais”, registrou sua preocupação com a ausência de reflexão sobre a moda. O próprio conceito de “tendência”, do qual se ocupou, encontra-se, segundo ele, banalizado (CALDAS, 2004, p. 17). Caldas argumenta que há uma lacuna nas publicações brasileiras sobre essa questão. Ele também não se intimida ao afirmar que, atualmente, dá-se mais importância aos eventos e ao espaço na mídia do que à pesquisa de base e produção do conhecimento. De acordo com a sua argumentação, existe até uma incompatibilidade entre o imediatismo e a superficialidade inerentes à forma moda e à produção do conhecimento, o que torna conflituosa a atuação das academias nesses estudos.

Em tempos em que o mercado toma conta do ensino, e onde o aluno se torna cliente e o professor fornecedor, a formação de profissionais competentes acaba por mostrar-se uma tarefa complexa (CALDAS, 2004, p. 191). Falta material de base, com textos produzidos no Brasil, e há excesso de cursos abertos sem o crivo e o controle dos órgãos competentes. De maneira otimista, porém, Caldas (2004, p. 193) crê que há espaço para outro perfil de escola, a saber, uma escola que esteja *irremediavelmente* comprometida com o contemporâneo e *efetivamente* empenhada na pesquisa voltada aos interesses do país.

Reapresentadas, aqui, as preocupações desses autores, segue uma reflexão sobre a obra “O Império do Efêmero”, de Lipovetsky. A perspectiva aqui adotada é filosófica, mais precisamente um exercício filosófico sobre a relação do homem com o seu “aparente”. Tal se fará menos para apontar deficiências da obra do autor do que para demonstrar a potencialidade da Filosofia em preencher lacunas que a Sociologia e a História eventualmente permitem.

Considerando o que diz Lipovetsky, a moda, entendida como sistema, tem o seu lugar bem demarcado no tempo e no espaço. Na sua concepção, trata-se de uma *instituição* altamente problemática, uma *realidade* histórico-social característica do Ocidente e da Modernidade. Um fenômeno que ocupa lugar central nas democracias engajadas no caminho do consumo e na comunicação de massa, cuja principal distinção é o fato de ser acionada pela informação e motivada exclusivamente pela sedução do novo (LIPOVETSKY, 1989, p. 10-14).

Essa delimitação da moda traz consequências importantes, pois, de acordo com ela, a moda não é um fenômeno universal, que varia em intensidade, em toda e qualquer sociedade, como comumente é interpretada. Somente em situações específicas é que é possível se falar em moda. Há quem defenda ser essa a maior contribuição da obra “O Império do Efêmero”,

ou seja, deixar claro que não se pode falar em moda, por exemplo, nas sociedades tribais, antigas e medievais¹.

Porém, ainda mais importante que reconhecer a inexistência da moda em tais sociedades, é identificar os motivos que possibilitaram o surgimento desse fenômeno no Ocidente e na Modernidade. Conforme esclarecido acima, para Lipovetsky, a moda tem lugar em sociedades democráticas. Em seu texto, o autor a exclui dos grupos selvagens e primitivos, por serem eles fixados na tradição, amantes do passado e submetidos a normas inalteradas no decurso de gerações. Em tais sociedades, os homens não são reconhecidos como autores de seu próprio universo social, pois as regras da vida e os usos são legitimados pelo passado. O processo e a noção de moda, em tais organizações, não têm, segundo ele, nenhum sentido (LIPOVETSKY, 1989, p. 27-28).

Antes que se imagine que essa fixidez é prerrogativa de antepassados muito distantes, o autor frisa que o aparecimento do Estado e da divisão em classes não modificou substancialmente essa dinâmica, uma vez que ainda perpetuou os gostos e as maneiras por séculos (LIPOVETSKY, 1989, p. 28), e as eventuais mudanças ali ocorridas não foram de modo algum gratuitas, como requer a moda. Disso decorre que uma das características marcantes da moda é o fato de ser ela testemunha – quando não agente – do processo de libertação do homem em relação ao seu passado, às suas tradições e às estruturas coletivas às quais pertence, fenômeno que ocorre, segundo Lipovetsky (1989, p. 29), a partir da metade do século XIV, e que tem a sua forma “acabada” a partir do século XVIII, com a dissolução dos grandes referenciais proféticos, das formas tradicionais da socialização, com a colocação em circulação permanente das coisas e dos sentidos, fazendo regredir as resistências sociais à mudança (LIPOVETSKY, 1989, p. 156).

O autor é taxativo: “*Nossa sociedade-moda liquidou definitivamente o poder do passado encarnado no universo da tradição, modificou igualmente o investimento no futuro que caracterizava a era escatológica das ideologias*” (LIPOVETSKY, 1989, p. 265). E mais adiante, complementa: “*O espírito de tradição está coletivamente morto, é o presente que comanda nossa relação com o passado, deste só conservamos o que nos ‘convém’, o que não está em contradição flagrante com os valores modernos, com os gostos e a consciência pessoais*” (LIPOVETSKY, 1989, p. 271).

¹ O argumento é de Adilson José de Almeida, publicado em Anais do Museu Paulista: história e cultura material. São Paulo, v. 3, p. 265-73, 1995. Disponível em: <<http://www.unip.br/servicos/aluno/suporte/nidem/biblioteca/lipovetsky.asp>>. Acesso em: jan. 2012.

Outra demarcação importante efetuada por Lipovetsky é a distinção entre moda e vestuário². O autor demonstra que a *instituição* moda é por demais generalizada, não tendo conteúdo próprio ou forma específica de mudança social, e também não se ligando a um objeto determinado. Sua única especificidade é ser um dispositivo caracterizado por uma temporalidade particularmente breve e por reviravoltas mais ou menos fantasiosas (LIPOVETSKY, 1989, p. 24).

Lipovetsky entende ser esta a era da *moda consumada* (em que pese que o livro data de 1987), e, portanto, não se pode mais tratá-la como um setor específico e periférico, e sim como uma forma geral, em ação no todo social. Tudo e todos se encontram imersos nela e em seus pressupostos: o efêmero, a sedução e a diferenciação marginal (LIPOVETSKY, 1989, p. 155).

O vestuário, embora reconhecidamente seja o domínio arquetípico da moda (LIPOVETSKY, 1989, p. 12) e carregue consigo todo o peso da significação do parecer, está para além da moda. O homem estabeleceu sua relação com a veste independentemente da Modernidade e da febre das novidades que a caracteriza.

O professor Adilson José de Almeida, na crítica que também empreende ao “Império do Efêmero”, reconhece que essa concepção da moda permite sua caracterização mais precisa. Segundo ele, a moda tal qual Lipovetsky a apresenta, “*exige a constância das variações que têm uma lógica própria ao seu desenvolvimento e que não se deve a influxos exteriores a ela como a imposição de modelos estrangeiros*”. O comentador ainda admite que essa precaução metodológica em distinguir moda e vestuário é pouco observada na maioria das obras sobre o tema. Segundo ele, dois usos diferenciados do termo são autorizados no senso comum: um ressalta o caráter efêmero das variações e sua ocorrência nas mais diversas atividades, que vão desde a criação musical, a reflexão intelectual, o vestir-se, as práticas esportivas, os tipos de objetos: vestuário e indumentária, os interiores de residência etc.; e o outro remete exclusivamente ao vestuário, identificação que permite falar, sem maiores preocupações, em moda na Grécia, no Império Romano, nas sociedades da Antiguidade Oriental, em evidente contradição ao defendido por Lipovetsky.

Para Almeida, essa identificação entre moda e roupa é uma imprecisão conceitual que impede uma correta formulação dos problemas. Sua opinião é de que seria de interesse a análise da moda em outros sistemas de objetos que não o vestuário, e em outras atividades sociais nas quais se verificasse o fenômeno (ALMEIDA, 1995).

² Na visão de Lars Svendsen, o sociólogo Georg Simmel já havia feito essa distinção em “Filosofia da Moda”, de 1904. Lipovetsky vê distintamente a sua concepção e a de Simmel (SVENDSEN, 2010, p. 13).

Feitos esses esclarecimentos, e dados os devidos créditos à Lipovetsky quanto às definições apresentadas, alguns problemas podem ainda ser aprofundados. A pergunta filosófica pelos “porquês” pode ainda ser de muita utilidade. Conforme enunciado anteriormente, alguns desses questionamentos serão apresentados a seguir.

Um primeiro aspecto seria a demarcação do fenômeno moda. O próprio Lipovetsky (1989, p. 10) coloca algumas questões cruciais: Como uma instituição essencialmente estruturada pelo efêmero e pela fantasia estética pode tomar lugar na história humana? Por que no Ocidente e não em outra parte? Como a era do domínio técnico, da interrogação do mundo, pode ser, ao mesmo tempo, a da desrazão de moda? Como explicar a mobilidade frívola erigida em sistema permanente?

Em seu texto, ele é irredutível em negar as justificativas socioantropológicas pautadas em diferenças de classes e motivações históricas. O autor as considera “reducionistas”, mas também ironiza o argumento apresentado por filósofos, segundo ele, “antimodernos”: *“O reino da sedução, diz-se, aniquila a cultura, conduz ao embrutecimento generalizado, à derrocada do cidadão livre e responsável. O lamento sobre a moda é a coisa intelectual mais bem partilhada”* (LIPOVETSKY, 1989, p. 12).

Lipovetsky acusa, sem cerimônias, filósofos como Adorno e Horkheimer de serem insurgentes contra a fusão “monstruosa” da cultura, da publicidade e do divertimento industrializado, bem como Habermas de profetizar o fim da capacidade de se fazer uso crítico da razão devido ao pronto-para-consumir. Nem mesmo Heidegger, que, segundo ele, se propôs a “meditar” sobre a técnica é poupado. Lipovetsky (1989, p. 15) novamente ironiza:

Abram então os olhos para a imensa miséria da modernidade: estamos destinados ao aviltamento da existência midiática; um totalitarismo do tipo soft instalou-se nas democracias, conseguiu semear o ódio pela cultura, generalizar a regressão e a confusão mental; estamos francamente na “barbárie”, último jingle de nossos filósofos antimodernos.

De fato, o pensamento filosófico viu com desconfiança esse distanciamento do homem de suas tradições e seu crescente desapego ao valor histórico. Mas não há como negar a pertinência da pergunta filosófica: ainda que a moda seja um fenômeno essencialmente moderno, é ainda uma produção humana (não se pode negá-lo, sob pena da admissão de uma metafísica da moda), e o homem não tem sua *origem* na Modernidade. O que teria mudado, para que dele surgisse a moda? Para que se desencantasse com as tradições, para que passasse a cultivar o novo pelo novo?

Com muito acerto, o autor compara os períodos de tranquilidade que houve no espaço de tempo compreendido entre o final da Idade Média e a Modernidade com a cultura grega. A fartura e a ausência de conflitos foram, nos dois casos, estimulantes naturais para o jogo *imoderado* da frivolidade. Segundo o autor, paradoxalmente, a constância cultural dá origem à inconstância. É fato, também, que o declínio dessas culturas não causou a diminuição do frívolo, muito pelo contrário. Lipovetsky (1989, p. 50) admite que, a exemplo da crise da Idade Média, a despeito de pestes e epidemias, a moda ganhou impulso. O mesmo ocorrendo entre os gregos pré-socráticos, que, segundo Nietzsche, tinham, no (cada vez maior) desejo de festas e diversões, um signo de decadência.

A diferença entre os dois pensadores se dá quando Lipovetsky, ao fazer referência à moda na sua forma “acabada”, não se propõe a pensar que o homem é este em quem a moda se completa, que valores o motivam. Ao autor parece bastar a constatação de que a era teleológica “caducou”, estando então o homem *destinado* à instabilidade crônica dos valores (LIPOVETSKY, 1989, p. 251).

O modo como Lipovetsky articula suas ideias não permite, por exemplo, que se faça uma relação causal entre o declínio de culturas estagnadas e o seu decorrente excesso de frivolidades com algum tipo de crise “teleológica”. O mesmo não se dá com Nietzsche, para quem o comportamento grego, bem como o dos modernos, derivava sempre de motivações profundas. Em Nietzsche, toda manifestação humana trai, consciente ou inconscientemente, um modo de valorar a vida. Nesse aspecto, o filósofo se uniria aos “antimodernos”, a que faz referência Lipovetsky, pois, para ele, o pessimismo romântico, típico da Modernidade, nada mais é do que signo do declínio, da ruína, do fracasso, dos instintos cansados e debilitados (NIETZSCHE, 2010, p. 12).

Acompanhando o raciocínio de Lipovetsky, o fenômeno moda só pode surgir à medida que há uma afirmação do indivíduo, simultaneamente à falência das ideologias coletivas. Disso decorre que o indivíduo passou a buscar continuamente uma forma de se identificar, tendo, na sociedade de consumo, um aliado perfeito.

Sob pena de incorrer em descrédito, por fazer uso exclusivo de contrapontos “antimodernos” nietzschianos, é pertinente reproduzir aqui outro crítico atual das teorias de Lipovetsky. Lars Svendsen, em sua obra “Moda: uma filosofia”, publicada em 2004, não se intimida em identificar Modernidade com romantismo:

A pessoa da moda de Lipovetsky governa uma liberdade absolutamente negativa, mas parece não possuir nenhuma concepção de liberdade positiva. Ela tem liberdade para se realizar, mas nenhuma definição positiva de que tipo de eu deve

ser realizado. Um indivíduo assim é um romântico consumado, alguém que sempre quer se tornar uma pessoa diferente do que se é, mas nunca se tornará essa pessoa porque não tem nenhuma concepção positiva de quem deseja ser (SVENDSEN, 2010, p. 178).

Para esse autor, a própria crença moderna de poder emancipar-se às normas e restrições já é uma demonstração de romantismo.

Não se pode deixar de frisar quão profunda e complexa é a concepção nietzschiana de romantismo e sua relação com o valor da vida. Em Nietzsche, qualquer ideal, arte ou gosto que transpareça um “lado de lá” melhor do que o “lado de cá” é, por definição, a manifestação de um homem doente, pois se revela aí uma ausência de saúde para conviver com a falta de sentido e com os sofrimentos pertinentes à vida. Esse ponto é importante porque marca uma questão cara à Filosofia, qual seja a valorização do aparente. No livro de Lipovetsky, sedução, efêmero, aparências e devir são tidos por “perseguidos”, como opostos à razão, desde Platão. O autor argumenta que a crítica filosófica à Modernidade teria aí a sua gênese (LIPOVETSKY, 1989, p. 15). Pois bem, para Nietzsche também a negação do aparente e do ilusório, efetuada quer seja por Platão, ou Sócrates, antes dele, nada mais era do que sintoma de fraqueza. Para o filósofo, o amor à verdade e a lógica jorram da mesma vertente do idealismo: o desejo romântico de ordenar o mundo e a si, o desejo romântico de um “outro” mundo ou de um outro “eu”.

Nietzsche, porém, ao defender o aparente, a ilusão e o devir, não os queria “românticos”, não concebia um homem completo sem que conscientemente dele fizesse parte o sofrimento. Essa foi a sua discordância à época quanto ao modo de valorar do recém-nascido Modernismo. Dionísio, na concepção tardia do filósofo, já não precisava de Apolo como véu que encobre o absurdo e permite suportar a dor³. São duas perspectivas distintas sobre um mesmo ponto, qual seja a relação do homem com o devir. Lipovetsky parece entender que o simples fato de o homem, imerso na moda e na aparência, não ter apego a tradições e ao passado, já é por si uma forma saudável de relação com o devir. Nietzsche, por sua vez, pensa a relação com o devir como uma atitude de coragem, uma arena onde o homem é ativo e construtor de seu futuro.

³ Remeto-me, aqui, a Gerard Lebrun, que discorre sobre as mudanças do dionisiaco na obra de Nietzsche no texto “Quem era Dionísio”. Tradução de Maria Heloisa Noronha Barros. *Kriterion – Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. XXVI, n. 74-75, 1985.

Esse traço característico da Modernidade, a negação do seu sofrer, é outro ponto que denota atenção. Lipovetsky faz referência ao medo e à angústia somente quando aborda a questão de quão vulnerável se torna o homem pacificado e desarmado, nas sociedades democráticas e modernas (LIPOVETSKY, 1989, p. 259). Seu testemunho é de que o homem moderno está mais disposto a se permitir a atração invencível pelo novo do que a decepcionar-se. Seu anseio por trocas diria respeito mais à ruína das grandes ideologias do que a uma insatisfação. Sua motivação se daria mais pelo desejo de exaltar o indivíduo livre do que por alguma frustração (LIPOVETSKY, 1989, p. 252).

Não é prioridade do autor, conforme fica claro, ponderar sobre se é possível ao homem essa recusa à decepção, à admissão de uma insatisfação, à frustração, embora, verdade seja dita, reconheça ser a infantilização um dos aspectos inerentes à moda. Nesse aspecto, Svendsen é mais filosófico, pois admite a necessidade da reflexão sobre a insatisfação do homem da moda:

O consumidor pós-moderno, por outro lado [Svendsen aqui compara ao consumidor teorizado por Simmel, Bourdieu e Veblen] não consegue estabelecer uma identidade pessoal por meio de seu consumo, porque o foco deste no presente solapa precisamente a formação da identidade. Se nossa identidade estiver diretamente ligada às coisas que nos rodeiam, ou melhor, ao valor simbólico dessas coisas, será tão transitória quanto esses valores simbólicos (SVENDSEN, 2010, p. 145).

Novamente algo se pode aprender com o pensamento nietzschiano. No auge de sua juventude, o filósofo inquietava-se com o desaparecimento de uma cultura grandiosa, como havia sido a dos gregos. Nietzsche concluiu que o enfrentamento da dor e do sofrimento havia sido imprescindível para a manutenção daquela cultura. Perguntava-se ele: “*A mais bem-sucedida, a mais bela, a mais invejada espécie de gente até agora, a que mais seduziu para o viver, os gregos – como? Precisamente eles tiveram necessidade da tragédia?*” (NIETZSCHE, 2010, p. 11). Do mesmo modo que o anseio crescente por beleza e divertimentos indicava ao filósofo a negação ou o aprofundamento de um estado de melancolia e dor:

Uma questão fundamental é a relação dos gregos com a dor, seu grau de sensibilidade – esta relação permaneceu igual ou se inverteu? – aquela questão de se realmente o seu cada vez mais forte anseio de beleza, de festas, de divertimentos, de novos cultos, brotou da carência, da privação, da melancolia, da dor (NIETZSCHE, 2010, p. 15).

Nas duas situações, encontra-se a questão da beleza: a mais bela espécie de gente, à medida que enfraquecia, teve cada vez mais anseio por beleza. Lipovetsky, conforme dito inicialmente, admitiu essa relação entre o enfraquecimento das estruturas e o correlato aumento da frivolidade, mas não a relacionou com qualquer tipo de adoecimento ou fraqueza do homem. Sua argumentação é materialista, pois, para ele, o motivo de a moda ter se tornado lei seria o fato de toda a cultura ter *sacralizado* o Novo e *dignificado* o presente. Por conta disso, todo o modo de vida teria passado a ser ordenado por valores hedonistas que orientariam doravante para um presente existencial e exacerbariam a busca por sensações identificáveis a uma vida rica e realizada. E isso tudo porque o passado legislador deixou de ser regulador (LIPOVETSKY, 1989, p. 268-269).

Não é sua intenção, como fica claro, discutir subjetividades. O mais próximo que o autor chega dessa questão é o reconhecimento de que, ao final, desenvolveu-se o *indivíduo-moda*, de personalidade e gostos flutuantes. Mas o seu interesse pela questão é objetivo: como avaliar tudo o que representa para uma sociedade moderna o desenvolvimento de um *ethos* flexível, de um novo tipo de personalidade cinética e aberta? O autor enfatiza a necessidade que a Modernidade tem de tal flexibilização de personalidade. A forma moda, nesse sentido, abrandaria a rigidez e as resistências, contribuindo para uma maior racionalidade social.

Um pouco mais de aprofundamento, e a pergunta filosófica vem à tona: o que significa um homem, até há pouco cartesiano, identificado como possuidor de uma alma única e imortal, capaz de caminhar rumo à virtude, transformar-se assim em indivíduo-moda? Seu novo modo de valorar, assim, flutuante, não teria uma origem mais profunda do que uma simples conveniência de moda consumada? Essa é mais uma, entre tantas questões em aberto ou superficialmente tocadas pelo autor, com as quais a Filosofia tem intimidade e poderia auxiliar.

Lipovetsky, é bom que se diga, não é ingênuo quanto aos aspectos paradoxais da moda. E é notório o seu esforço em delimitar o campo em que pretende discutir a questão. Segundo sua argumentação, as democracias frívolas não estão desarmadas para enfrentar o futuro, pois o material humano “flexível” que dela resultou, tendo se integrado à mudança e renunciado a visões maniqueístas, é um recurso, embora pouco espetacular, bastante estimável. As luzes, diz o autor, avançam, embora mescladas a seu contrário. Os espíritos mais informados, porém mais desestruturados; mais adultos, porém mais instáveis; menos “ideologizados”, porém mais tributários das modas; mais abertos, porém mais influenciáveis; mais céticos, porém menos meditativos (LIPOVETSKY, 1989, p. 13 e 17).

É certo que Lipovetsky conhece o pensamento nietzschiano, mas é pertinente ainda uma demonstração de como os seus argumentos, embora mais recentes, pouca coisa acrescentam ao que o filósofo já intuía em 1886. Particularmente, em “Além do Bem e do Mal”, quando Nietzsche discorre sobre as virtudes dos modernos, a maior profundidade do argumento é visível. Dizia o filósofo:

Nós, europeus do depois de amanhã, nós, primogênitos do século XX, com toda a nossa perigosa curiosidade, nossa multiplicidade e arte do disfarce, nossa cansada e por assim dizer atenuada crueldade de espírito e de sentidos – nós, presumivelmente, se tivermos virtudes, apenas teremos aquelas que melhor aprendam a se harmonizar com nossas mais secretas carências [...] (NIETZSCHE, 2008, p. 153).

Nietzsche continua o aforismo afirmando que, devido à *semibarbarie* reinante na Alemanha do século XVIII, o passado de toda forma e de todo modo de vida e de culturas acabou por desaguar sobre eles, possuidores da tal “alma moderna”. Seus instintos então refluíram a todos os lugares, configurando eles próprios uma espécie de caos. E o espírito acabou por ver nisso uma vantagem. O moderno, semibárbaro de alma e apetite, teve acesso a todos os lugares, a todas as culturas, desenvolvendo gosto e sentido para tudo, sem nenhuma pretensão de nobreza, sendo declaradamente possuidor de uma servil curiosidade plebeia. Mas as semelhanças acabam aí. O homem moderno de Lipovetsky vive uma democracia sólida, mas é temeroso. O homem moderno de Nietzsche vive em solo trêmulo, mas tem aí justamente a sua bem-aventurança: onde se encontra em perigo (NIETZSCHE, 2008, p. 161).

Finalizando, ficam aqui algumas questões em tom de desabafo: de onde virá, para o profissional de moda no Brasil, a informação consistente? Como se desenvolve uma tradição de ensino num país “essencialmente” moderno, haja vista sua característica continental, seu povo mestiço e sua pouca idade? De que maneira se articulam, nas escolas cuja proposta é o ensino da “moda”, as questões do *design*, das culturas artesanais e da criação artística?

Se Lipovetsky, ainda sobre a influência da Bauhaus, via claras divergências entre o *design* e o sistema moda, Caldas, em 2004, reconhece ser uma “tendência” que essa distinção volte a ocorrer (CALDAS, 2004, p. 141). E se Lipovetsky estiver correto, a moda como fenômeno tem uma delimitação clara no tempo e, portanto, pode vir a acabar. Contudo, a roupa, a indumentária, embora seja domínio arquetípico da moda, também, conforme Lipovetsky, tem o seu próprio trajeto dela independente. Quer, porém, parecer que o estudante de moda, imerso que está em um sistema também de moda, tende mais a servir de

elo entre o mercado que quer vender e o consumidor que quer comprar, estando aí a medida de sua eficiência, sem dar-se conta de sua própria efemeridade.

Não seria o caso de incluir a questão do parecer, da indumentária, nas discussões contemporâneas sobre a humanização do *design*⁴, em um retorno ao pensar o homem, antes de lhe oferecer produtos? Não seria o caso de investir, em se tratando de estudos de moda, numa “extemporaneidade”? E, finalmente, a questão que dá origem a toda esta argumentação: é possível, sem o auxílio da Filosofia, buscar por tais respostas? A disciplina “Filosofia”, quando presente nos cursos de Moda e *Design*, atende às necessidades aqui apresentadas? As instituições têm consciência de que “Filosofia” ultrapassa as questões da ética e da estética? O assunto parece não se esgotar em questionamentos.

⁴ Faço menção, aqui, aos “heróis” do Filosofia do *Design*, cujo trabalho, em Curitiba (PR), tive o prazer de conhecer. Outras informações podem ser obtidas no endereço eletrônico: <<http://filosofiadodesign.wordpress.com/>>.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. J. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*. São Paulo, v. 3, p. 265-73, 1995. Disponível em: <<http://www.unip.br/servicos/aluno/suporte/nidem/biblioteca/lipovetsky.asp>>. Acesso em: jan. 2012.

CALDAS, D. *Observatório de sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências*. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2004.

LEBRUN, G. Quem era Dionísio. Tradução de Maria Heloisa Noronha Barros. *Kriterion – Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, v. XXVI, n. 74-75, 1985.

LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução e notas de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. *O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

SVENDSEN, L. *Moda: uma filosofia*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.